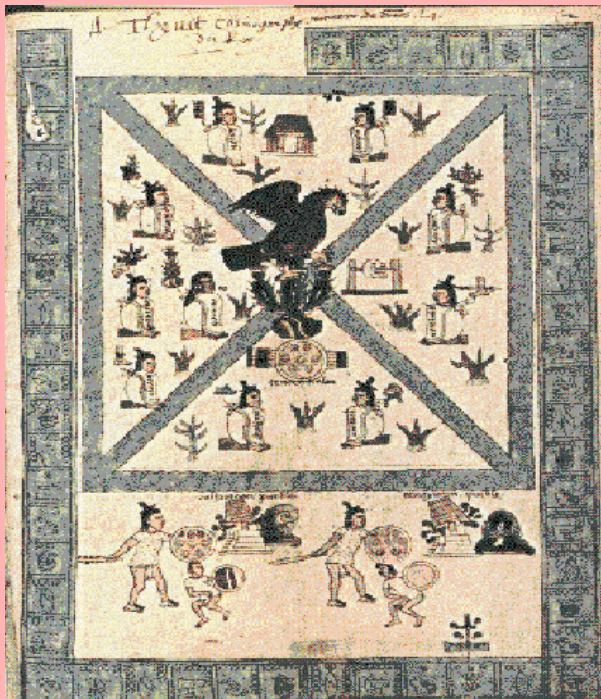


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA  
CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA

# TEXTOS DIDÁTICOS HISTÓRIA DA AMÉRICA



AOS QUATRO VENTOS

## Ficha Catalográfica

Arias Neto, José Miguel, org.

Textos didáticos - História da América. Curitiba : 2004, 47 p.

Bibliografia.

ISBN 85.86534.56-0

1. História da América ; 2. Textos didáticos

I. Título

Copyright ©2004 by Laboratório de ensino de História - HIS - CLCH - UEL

Capa: Codex Mendoza

2004

Todos os direitos desta edição estão reservados à

Casa Editorial Tetravento Ltda.

CNPJ 02.615.734/0001-00

R. XV de Novembro, 1222 - 204

80060-010 - Curitiba - PR

Fax (041) 362-2198

e-mail: aosquatroventos@yahoo.com.br

## SUMÁRIO

<b><i>Agradecimentos</i></b> .....	<b>05</b>
<b><i>Apresentação</i></b> .....	<b>07</b>
<b><i>Formas de repartição da terra entre os Incas (Garcilaso de la Vega)</i></b> <b>Fábio Siqueira Batista</b> .....	<b>11</b>
<b><i>Entre a cruz e a espada: sociedades de sacrifício e sociedades de massacre</i></b> <b>Maria José de Melo Prado e Silvia Varela</b> .....	<b>19</b>
<b><i>Bartolomé de Las Casas e os índios: o visionário das “Américas”</i></b> <b>Fábio Jesus de Lima</b> .....	<b>25</b>
<b><i>Análise da questão do outro na conquista da América por Tzvetan Todorov</i></b> <b>Cristiano da Veiga Sambatti e Edmar Everson Alves</b> .....	<b>33</b>
<b><i>Labéus da conquista espanhola</i></b> <b>Wander de Lara Proença</b> .....	<b>37</b>
<b><i>Notas</i></b> .....	<b>45</b>



## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é produto do esforço conjunto de alunos e professores do curso de História da Universidade Estadual de Londrina. Assim, gostaria de registrar os seguintes agradecimentos:

aos meus colegas do Laboratório de Ensino de História, que tão bem acolheram a idéia e, em particular à profa. Marlene Rosa Cainelli, coordenadora do mesmo, pelo apoio;

à professora Sônia Adum que colaborou na indicação e seleção dos trabalhos aqui apresentados;

aos alunos, pela dedicação e esforço empregados na reformulação e correção dos trabalhos;

especialmente à Maria José de Melo Prado e Fábio Jesus de Lima que trabalharam muito para que esta coletânea se tornasse uma realidade.

Londrina, Primavera de 1997

*José Miguel Arias Neto*



## APRESENTAÇÃO

***José Miguel Arias Neto***<sup>1</sup>

Ao longo do curso de graduação, os alunos do curso de História realizam vários trabalhos com o propósito de avaliação de seu desempenho. Encerrado o ano letivo os mesmos são a eles devolvidos, permanecendo, portanto, no restrito âmbito da relação professor-aluno. No entanto, muitos destes trabalhos são de ótima qualidade e podem servir de algum modo a professores e alunos de 1º e 2º graus.

Essa coletânea nasceu dessa preocupação, ou seja, de tornar utilizável - para a rede pública de ensino - o trabalho que vem sendo desenvolvido pelos alunos da Universidade de Londrina na área de História da América, no ano de 1996. Foram reunidos cinco bons trabalhos de diferentes origens: análises de documentos, resenhas, relatórios de seminários, provas e trabalhos finais.

Assim, também as contribuições que oferecem são de diferentes níveis: alguns podem ser utilizados em sala de aula, outros pretendem provocar reflexões sobre determinadas questões que afligem o século XX. A *invenção da América*<sup>2</sup> fundou o mundo *moderno*<sup>3</sup> e, a historiografia que trata do tema permanece ainda por demais eurocêntrica.

Aliás este parece ser uma marca dos estudos e do ensino de História do e no Brasil: ao contrário dos Estados Unidos ou do México, onde o continente é profundamente investigado, permanece-se aqui de frente para a Europa e de costas para a América. Tudo se passa como se não houvesse relação entre a América portuguesa e os países de colonização hispânica e anglo-saxônica.

Os trabalhos aqui apresentados demonstram que a investigação da conquista e colonização da América é fundamental para a compreensão da modernidade fundada no século XVI e que, as problemáticas que emergiram deste contato entre civilizações tão distintas estão presentes nos dias atuais.

A problemática consolidação das democracias do continente, o desrespeito à diversidade cultural que caracteriza a América, a difícil implementação dos direitos humanos bem como a contínua violação dos mesmos são marcas da violência, da intolerância e da incompreensão em relação ao *outro*, seja este mulher, negro ou indígena.

O esforço dos alunos obedeceu às reflexões de Tzvetan Todorov, quando este afirma que o *conhecimento pode conduzir à compreensão e à comunicação não-violenta*. Este programa está vinculado à uma concepção de democracia como *formação social* e não apenas como *regime político*<sup>4</sup>, cujo fundamento parte da consideração de que os homens são iguais em direitos, mas diferentes do ponto de vista de sua formação cultural, religiosa, etc., e que, essa diversidade, ao invés de separar e isolar os homens deveria enriquecer a sociedade e a cultura humana. Neste sentido a democracia só pode existir do jogo destes dois princípios: a igualdade e a diferença.

A radicalização de qualquer um dos pólos desta relação, conduziu e conduz às tragédias, das quais a História está repleta. A pretensão de uma *igualdade total* implica em um ideal de uniformidade totalitária: trata-se de reduzir o *outro* à sua própria imagem. Quando os missionários construíram as reduções, o objetivo era exatamente este: *reduzir* os indígenas à fé cristã. A Inquisição, o Terror na Revolução Francesa, o Nazismo, o Stalinismo são outros exemplos de tentativas de uniformização dos homens. A uniformidade conduz ao extermínio e massacre dos diferentes. Não é fruto do



simples acaso o fato de que as ditaduras e as formas totalitárias, de *esquerda* e de *direita*, sejam similares e tenham o terror como fundamento da política<sup>5</sup>.

Por outro lado, colocar a ênfase no princípio da diferença, implica, quase sempre, em uma hierarquização das sociedades, o que significaria dizer, por exemplo, que os homens são superiores às mulheres, os brancos aos negros ou aos índios, e que, portanto, são portadores de direitos e deveres diferenciados: *o apartheid* na África do Sul é um exemplo da desigualdade transformada em fundamento de instituições políticas. O Brasil, por outro lado, ostenta o orgulho de ser uma *democracia racial*, o que é, na verdade, um discurso conservador. Este campeão das injustiças sociais - como observa Hobsbaw<sup>6</sup> - pode ser caracterizado como uma África do Sul sem *apartheid* - *“isto é, uma sociedade sem a segregação racial imposta pelo Estado e, não obstante, afligida por extrema desigualdade racial”*<sup>7</sup>. Também o princípio da desigualdade conduz ao massacre e ao extermínio.

Vale recordar duas Histórias igualmente terríveis.

A primeira delas, narrada por Diego de Landa na *Relación de las cosas de Yucatán*, e citada por Tzvetan Todorov, é a seguinte: *“O capitão Alonso Lopes de Avila tinha-se apossado, durante a guerra, de uma jovem índia, uma mulher bela e graciosa. Ela havia prometido ao marido, que temia ser morto na guerra, não pertencer a nenhum outro, e assim nenhuma persuasão pôde impedi-la de perder a vida a deixar-se seduzir por outro homem; por isso ela foi atirada aos cães”*<sup>8</sup>.

A segunda. Em 1911, Von Ihering, defendeu no jornal *O Estado de São Paulo*, o extermínio dos índios Kaingang em nome da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil: *“Utilizando-se de modelos evolucionistas e deterministas, o naturalista alemão condenava ‘grupos indígenas inferiores’, que, em sua ótica, ‘desapareceriam pela mera ação da natureza’. Frente aos*

*prognósticos científicos, nada havia a obstar; nem mesmo 'uma moral de fundo humanista', afirmava(...)*<sup>9</sup>.

Já em 1996, a Comissão sobre Governança Global da ONU, observava que uma das características do mundo contemporâneo é “ *a propagação de uma cultura da violência* ”<sup>10</sup>: a brutalização de milhares de jovens que lutam em guerras civis, o uso sistemático do estupro como arma de guerra, o terrorismo, o narcotráfico, o crime organizado, a violência étnica, a violência contra a mulher , etc., atingem proporções alarmantes, comprometendo a consolidação das democracias em termos globais.

*“Viver a diferença na igualdade: é mais fácil dizer do que fazer”* - observa Todorov. No entanto, é necessário tentar. Nesse sentido, o conhecimento é um dos meios para se resistir ao poder. Não se pode combater o que não se conhece. Mas é necessário sair do campo defensivo e propor alternativas: investigar a conquista da América significa refletir acerca dos mecanismos de dominação no mundo contemporâneo e tentar superá-los.

**FORMAS DE REPARTIÇÃO DA TERRA  
ENTRE OS INCAS  
( Garcilaso de La Vega )**

***Fábio Siqueira Batista***<sup>11</sup>

A conquista da América, por parte dos espanhóis, fez nascer no seio de um povo submetido uma espécie de indivíduo que não era europeu nem índio, o mestiço, seja ele cultural ou de sangue. Este esboço sobre a repartição da terra entre os Incas, escrito no século XVI por Garcilaso de La Vega, misto de espanhol e índio, tenta explicar como se processava a divisão de terras entre os povos do antigo Império Inca. Garcilaso de La Vega, é mais um daqueles homens que viviam sob a sombra da coroa espanhola e relembavam ou tentavam rescrever partes da História dos povos pré-colombianos, conquistados pelos europeus; é mais um dos notáveis mestiços daquela época devendo ser considerado ao lado de outros como *Felipe G. Poma de Ayala*, *Bautista Pomar*, *Alvarado Tezozomoc* e *Diego Durán* na busca por fontes do passado que ajudem a compreender a História daqueles povos.

Ao abordarmos a problemática da divisão de terras entre os povos pré-colombianos, deparamo-nos com questões difíceis de responder dada a exígua quantidade de material que restou da época da conquista e, muito mais ainda, devido aos graves problemas que se impõem quando da análise de um texto do referido período. As dificuldades de análise devem-se ao fato de alguns desses textos sofrerem “influências” da cultura reinante, a mestiça, isto é, uma cultura que era cristã e espanhola, mas ao mesmo tempo guardava lembranças da cultura indígena.

Como primeiro aspecto, é necessário fazer as apresentações do texto, do escritor e do momento em foi escrito. Garcilaso de La Vega, era filho de um espanhol e de uma princesa Inca, nasceu na cidade de Cuzco em 1539. Viveu alguns anos na Espanha e lutou contra os mouros, aprendeu italiano e fez algumas traduções, escreveu **Comentários reais de los Incas**<sup>12</sup>, obra em que se aprofunda nos costumes, ritos e cerimônias de seu povo; foi um indivíduo aculturado que sempre se considerou mais indígena que espanhol. Contudo, ele legitima e aceita a conquista espanhola. A obra, escrita alguns anos antes de sua morte, se insere num momento crucial da História da América, época em que os indígenas sobreviventes sofrem o processo de cristianização e a servidão sob o jugo dos conquistadores; época em que as feridas estão abertas ainda ( se é que algum dia estas feridas cicatrizaram, particularmente creio que não! ). Na obra de Garcilaso, não restam dúvidas de que existe a exaltação do índio, porém ele escreve como um europeu. Mas quem são os Incas? A resposta nós sabemos; entretanto, a História é a eterna análise do passado, a eterna busca por respostas de perguntas que não cessam de surgir. Mesmo que soubéssemos tudo a respeito dos Incas, não cessaríamos de tentar entendê-los, de buscar outras respostas que não fossem aquelas que já conhecemos. Esta é a grande virtude da História, o passado não morre, *Hic Mortui Vivunt et Pandunt Oracula Mui* ( Aqui os mortos vivem e proferem muitas sentenças ).

Em finais do século XIII, a tribo dos Incas ao Vale de Cuzco e se alia a três etnias diferentes: *Sahuasiray*, *Allcahuisa* e *Maras*. Por meio de uma fulminante expansão militar e política, em alguns decênios eles submetem outros povos e criam o *Tawantisuyu*, o “Império dos Quatro Quadrantes”, o domínio dos Incas sobre as outras etnias. Um império com uma organização formidável, contando com redes de estradas, depósitos de

provisões e uma burocracia muito bem estruturada hierarquicamente.

Passemos então ao conteúdo do documento. O autor observa como se processa a acomodação do dominador Inca sobre o povo submetido, as disposições tomadas pelo Inca para posterior “aculturação” dos conquistados, a chegada de homens para a construção de poços e canais para irrigação. Para os pré-colombianos, não existiam outras riquezas que não fossem a terra e os produtos advindos da mesma, destarte, logo após a ocupação eles davam início ao processo de divisão das localidades. Ocupando a função de “Civilizadores”, é possível que a construção dos referidos poços e canais de irrigação se tratasse da contribuição dos dominadores aos povos conquistados, encaminhando-os à civilização.

Garcilaso fala muito sobre as acéquias, isto nos leva a crer que as terras deveriam ser pobres de recursos naturais, o que conseqüentemente levaria os Incas a irrigá-las constantemente. Depreendesse isto quando o autor diz “...porque é de se saber que a maior parte de toda aquela terra é pobre de terras de pão...”. No mesmo parágrafo, ele faz referências as pastagens e ao gado: é bom lembrar que as micro-regiões eram divididas em

*“ Ayllus, formados por famílias interligadas com laços de parentesco e que nestes as terras dividiam-se em terras cultiváveis e pastos de uso coletivo... onde se criavam animais, lhamas e alpacas...”*<sup>13</sup>

Garcilaso fala da técnica de construção de terraços por parte dos Incas. Tal fato se devia à estreiteza das terras cultiváveis e mais ainda, a necessidade de aumento da cultura do milho e da batata, ligada diretamente ao aumento da população, conquistada ou não, que acontecia. Garcilaso de La Vega diz que as terras eram divididas da seguinte forma: uma parte para o Sol, outra para o Inca e a terça parte para os naturais da

terra . Em **Incas e Astecas - Culturas pré-colombianas**, de Jorge Luiz Ferreira, a explicação é diferente: o primeiro beneficiado é o Inca; depois vem as terras do Sol e por último “a maior parte”, as terras da comunidade. Talvez a explicação de Jorge Luiz Ferreira seja a mais acertada, pois enquanto soberano, o Inca era representante direto do Sol, na qualidade de “deus-vivo”.

De acordo com Garcilaso, os Incas não semeavam mais de um ano ou dois as terras cultivadas, repartindo outros e deixando em estado de repouso as primeiras. Isto poderá levar-nos a pensar que a rotatividade de terras era comum, e é provável que sim, principalmente se levarmos em conta Ciro Flamarion S. Cardoso, quando fala da hipótese causal hidráulica<sup>14</sup>. No entanto, não podemos deixar de lado Jorge Luiz Ferreira (Cf. **Incas e Astecas**) que diz que a distribuição das terras era rotativa e anual, para impedir que algumas famílias pudessem usufruir de terras mais férteis por longos períodos, é possível ainda, que existisse o sistema de pousio curto, devido à fragilidade da terra.

Ainda segundo Garcilaso, o cultivo da terra se fazia de maneira ordenada e harmônica. Suas palavras deixam transparecer um certo idealismo, dando-nos a impressão de que a sociedade de que fala é justa e igualitária. Aqui, supomos que fala o “índio” Garcilaso, mostrando o que era antes dos espanhóis chegarem e apontando a aparente “anarquia” que agora existe com a presença dos conquistadores. Quando da submissão, os Incas mantinham os deuses e o culto local introduzindo, logo depois, a adoração do Sol e ao Inca. Aos aldeões cabia oferecer trabalho aos novos senhores. O trabalho, “harmônico”, talvez se devesse ao fato do soberano Inca distribuir cereais, roupas e outros alimentos em épocas de carestia, excedente este que era acumulado do trabalho praticado pelos aldeões.

O autor fala do processo de lavração da terra. Podemos ver que o controle estatal era rígido e nenhum

terreno ficava sem ser cultivado, mesmo aqueles pertencentes aos homens que deveriam servir em atividades guerreiras. Estas colocações são corroboradas pelas afirmações de Jorge Luiz Ferreira em **Incas e Astecas**. Garcilaso de La Vega, afirma ainda que

*“mandava o Inca que as terras dos vassallos fossem preferidas às suas; porque diziam que da prosperidade dos súditos redundava o bom serviço para o Rei, que estando pobres e necessitados mal podiam servir na guerra nem na paz...”*

Este discurso sobre a “justiça social” deixa transparecer mais uma vez a cultura indígena que resta em Garcilaso de La Vega. Provavelmente este é mais um alerta sobre a situação de descaso, miséria e indignação que deviam viver seus irmãos indígenas, desolados pela falta de comando e explorados pelos fidalgos espanhóis.

É destacado ainda, o sistema de divisão das terras indígenas. Cada um deles recebia um *Tupu*, extensão de terra equivalente à quantidade de alimento necessária para suprir as necessidades de um indivíduo. Mas devemos ter sempre em mente, que o indivíduo isolado não existia em relação à comunidade, é possível que estes *Tupus* fossem usados em comunidade para a subsistência de uma família. As palavras de Garcilaso poderiam induzir o leitor a pensar que a orientação individualista fosse comum entre os povos pré-colombianos, o que não é certo.

O documento diz que “*proporcionalmente às terras que davam para semear o milho, repartiam as que davam para semear os demais legumes que não se regava...*”. É pouco provável que houvesse igualdade entre o número de terras para o plantio do milho e outras culturas que porventura existissem. O milho era a base de toda alimentação das populações da América pré-colombiana. As outras culturas existentes serviriam, provavelmente,

como acréscimo à cultura do milho, já muito difundida ou ainda como meio de alimentação quando fracassava a colheita daquele cereal como, por exemplo, a batata (*Solanum tuberosum*).

Garcilaso fala ainda sobre os outros tributos pagos em formas materiais, roupas e calçados para os guerreiros do Inca. Há um parágrafo que trata quase exclusivamente de produtos e situações ligados à guerra. Para opor-se ao discurso de Garcilaso cito Jorge Luiz Ferreira:

*“A justificação ideológica para a expansão e a conquista era semelhante à do espanhol: levar a civilização aos povos que vivam na barbárie (...) Ao contrário dos Astecas, os Incas não tinham uma mentalidade belicosa, e a paz era o bem supremo da humanidade...”<sup>15</sup>.*

Vemos então, que o discurso civilizatório era bom para os conquistadores, visto que eles levavam a religião para os povos derrotados e lucravam com os bens tomados a estes povos. Em matéria de psicologia coletiva, é possível que uma espécie de idéia ou ideal animasse aqueles homens. Se é verdade que eles tentavam disseminar os benefícios da religião ( e neste caso devemos enquadrar tanto os espanhóis quanto os indígenas ) e da civilização é, por conseguinte, mais verdade ainda que eles não se sentiam envergonhados quando tinham que matar, destruir ou saquear em nome destes ideais.

Garcilaso diz que os Incas não tinham o ouro nem a prata em conta de metais valiosos, mas apenas como objetos de adorno e de embelezamento. As grandes riquezas destes povos vinham da terra e de produtos ligados à mesma, pois para eles estava mais em voga o fato de comerem, beberem e vestirem-se do que construir casas belíssimas e em grandes tesouros.

Neste momento é bom fazer uma autocrítica do que foi escrito. Em primeiro lugar, a análise de um indivíduo



como Garcilaso de La Vega ou qualquer outro “mestiço” é complicada. O elemento que descende de dois povos ou duas linhagens diferentes deve padecer constantemente de uma certa “agonia interna”: de um lado ele vive determinada realidade e, de outro, ele tenta escrever ou esquecer uma realidade que não existe mais ou que pouco a pouco sofre deterioração. Isto é bastante fácil de notar em outros escritores miscigenados. É possível até imaginar o que ele sentia mas não é possível descrever. Na sua obra ele submete-se à autoridade espanhola mas exalta o índio. Resta-nos perguntar se ele tentava reduzir o mundo europeu à categoria dos Incas e vice-versa. Pode ser que tentasse utopizar toda a realidade, um misto de justiça social Inca com realidade espanhola e religião cristã.

Garcilaso não deixa transparecer totalmente o que está pensando, apesar de seu texto ser bastante inteligível. Um homem que faz apologia do indígena, do “paraíso perdido” e contrapõe a justiça Inca à desigualdade espanhola. Mas será que ele é um apologista? O que pouco temos em mãos nos impede de emitir um parecer mais acertado. Mas mesmo que tivéssemos todas as suas obras e o conhecêssemos como ele se conhecia, ainda assim, ficaríamos impedidos de entendê-lo, afinal de contas, a História não é só feita de causas econômicas e políticas, por trás de tudo isso existe o ser humano.

## ***Referências Bibliográficas***

- CARDOSO, Ciro Flamarion S. (Org.). **Modo de produção asiático: nova visita a um velho conceito.** Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- FERREIRA, Jorge Luiz. **Incas e Astecas - culturas pré-colombianas.** 3 ed. , São Paulo: Ática, 1995.
- VEGA, Garcilaso de La. Formas de repartição da terra entre os Incas. In **Comentários reales de los Incas.** México: Fundo de Cultura Económica, 1991.
- WEPPMAN, Denis. **Cortez.** São Paulo: Nova Cultural, 1987.

## ENTRE A CRUZ E A ESPADA: SOCIEDADES DE SACRIFÍCIO E SOCIEDADES DE MASSACRE

*Maria José de Melo Prado*

*Sílvia Maria Varela*<sup>16</sup>

O objeto deste artigo é o livro **A conquista da América: a questão do outro** de Tzvetan Todorov, mais especificamente o terceiro capítulo, intitulado *Compreender, tomar e destruir*, no qual se discute o processo de aproximação, compreensão e posterior domínio da sociedade Asteca pelos espanhóis.

O autor analisa o processo que considera um “terrível encadeamento”: **compreender leva a tomar, e tomar leva a destruir**. Entretanto, questiona essa afirmação: afinal a compreensão não deveria vir acompanhada de simpatia e, nesse caso específico, da preservação da fonte de riquezas? Ou, em outra hipótese, se tal compreensão viesse acompanhada de um julgamento de valor negativo? O que se verifica, no entanto, é a ocorrência de um sentimento de admiração seguido de destruição.

Nota-se claramente esta admiração nas tentativas de equiparação entre a América e a Europa que os espanhóis fazem todo o tempo. Eles referem-se, porém, aos objetos e construções, nunca a seus produtores - como um turista contemporâneo em relação a artesanatos exóticos. Os indivíduos são vistos como sujeitos, mas enquanto coletividade produtora de objetos ou como “curiosidades naturais”, como plantas e animais, que causavam espanto pela sua originalidade.

Percebe-se, portanto, que este sentimento é superficial, distante e de superioridade. Não há nunca integração entre admirador e admirado; prova contundente disso é que a arte Asteca jamais exerceu qualquer influência na Europa, como a arte negra no século XX. A admiração não implica em assimilação, e, consequen-

temente, não há motivo para preservação.

Os cronistas espanhóis falam “dos” índios e não “aos” índios e, segundo Todorov:

*“...é falando ao outro (não dando-lhe ordens, mas dialogando com ele), e somente então, que reconheço nele a qualidade de **sujeito**, comparável ao que eu mesmo sou.”*<sup>17</sup>

Ou seja, se não houver a imbricação entre a compreensão e o reconhecimento do outro como não-superior e não-inferior, esse saber (e essa relação) estará subordinado ao poder.

A idéia central da obra é justamente esta comunicação do eu com o outro. A compreensão da sociedade Asteca que os espanhóis tinham era muito maior que o entendimento dos indígenas em relação aos europeus, e esta torna-se um instrumento para a conquista, pois possibilita a total desestruturação do império de Montezuma. É mais fácil combater o que se conhece, formulando-se estratégias baseadas em seus pontos fracos.

Todorov considera a conquista da América como o maior genocídio de que se tem notícia na História, e aponta a destruição em números grandiosos: em cem anos houve a extinção de 70 milhões de nativos na Meso-América e América do Sul, 24 milhões de mortes somente no México. O autor defende também que as proporções da matança foram inversamente proporcionais à responsabilidade dos espanhóis. A saber (em numero crescente e em responsabilidade decrescente): guerra, maus-tratos e doenças.<sup>18</sup> Embora a responsabilidade dos espanhóis seja evidente, o autor afirma que, dentro deste contexto, outros conquistadores teriam agido do mesmo modo, visto que o objetivo era a conquista.

Os relatos dos cronistas da época (Bartolomé de Las Casas e T. Motolinia, entre outros) revelam uma realida-

de brutal e sangrenta, apresentando os indígenas como vítimas passivas e indefesas. **A conquista da América: a questão do outro** endossa essa opinião, assim como a maioria dos autores que tratam do assunto, reproduzindo, portanto, a visão derrotista da conquista, em que os indígenas figuravam resignados, aceitando sem contestar a violência a que eram submetidos.

Uma visão totalmente oposta é colocada por Hector Hernán Bruit, que percebe, no que outros autores encaram como covardia e passividade, uma forma de reação, de resistência. Bruit afirma que essa resistência funda a identidade latino-americana. Ainda hoje se percebe resquícios dessa não adequação aos moldes europeus, os quais estão presentes na cultura, como o hábito alimentar, religião, estrutura mental, entre outros. Os indígenas não podem ser vistos como covardes incapazes de resistir. A recusa tomaria forma nos suicídios, abortos, desinteresse pela procriação, indolência, mentiras, roubos, falsa conversão ao cristianismo, ou mesmo, no silêncio (recusa a falar, à aculturação), inclusive por vias militares. Nas palavras de Bruit:

*“Quer dizer, nada de incapacidade racial, de inferioridade cultural. Simplesmente renúncia voluntária de viver a História do outro, mas simulando vivê-la.(...) A atitude indígena, em suas formas diversas, se transformou em arquétipo de resistência à dominação total. Escolheu do conquistador os valores que mais lhe serviam, mas não assimilou a cultura do branco e jamais abandonou suas crenças e costumes.”*<sup>19</sup>

Esta constatação se verifica facilmente através da observação dos relatos existentes sobre a sociedade Asteca antes de Cortez. O que vemos é uma civilização avançada (construções grandiosas e de extrema

engenhosidade, alta tecnologia agrícola, noções de astronomia,...), organizada hierarquicamente (religião, política e sociedade), trabalhadora e guerreira.

A questão que se coloca ao final desta discussão é aquela referente aos motivos pelos quais houve, durante a conquista, a extinção quase total da população nativa. É interessante a correlação que Todorov faz sobre o desejo de poder e de riqueza dos europeus com a mentalidade moderna, na qual o dinheiro compra e sobrepuxa todo e qualquer princípio moral. Mesmo assim salienta que só esse desejo não explica todo o massacre. Há que se levar em conta a crueldade como um traço mórbido inerente ao homem, presente nos Astecas de Montezuma e nos alemães de Hitler. No caso dos espanhóis, há relatos da época que demonstram este fato, como os apresentados abaixo:

*“Alguns cristãos encontraram uma índia, que trazia nos braços uma criança que estava amamentando; e como o cão que os acompanhava tinha fome, arrancaram a criança dos braços da mãe, e, viva, jogaram-na ao cão, que se pôs a despedaçá-la diante da mãe.”<sup>20</sup>*

*“ Um espanhol, subitamente, desembainha a espada (que parecia ter sido tomada pelo diabo), e imediatamente os outros cem fazem o mesmo, e começam a estripar, rasgar e massacrar aquelas ovelhas e aqueles cordeiros, homens e mulheres, crianças e velhos, que estavam sentados, tranqüilamente, olhando espantados para os cavalos e para os espanhóis. Num segundo não restam sobreviventes de todos os que ali se encontravam.”<sup>21</sup>*

O autor propõe uma problemática: considerando que todos os povos cometem assassinatos e estes não se revestem sempre do mesmo valor, o que os diferencia? Para Todorov seria o código e o contexto, a sociedade de sacrifício e a sociedade de massacre. E qual delas pode ser considerada mais contestável? Julgamento difícil de ser feito com isenção.

O sacrifício é uma morte religiosa - mata-se por uma ideologia oficial revestida de uma função social (alimentar e apaziguar os deuses). É realizado em praça pública e com o consentimento de todos; a identidade do sacrificado é pré-determinada e conhecida, porém o laço social predomina sobre o individual. Em contrapartida, o massacre inverte todos esses princípios, e pode ser considerado um assassinato ateu, é feito (de preferência) às escondidas e fora de qualquer regulamentação. Não tem uma função social, justifica-se por si mesmo.

A dificuldade consiste em se distinguir com clareza o que se convencionou como uma ou outra. A sociedade européia quinhentista pode ser reconhecida como sociedade de massacre pelo próprio advento da conquista. Mas o que dizer então da Santa Inquisição, que possui traços de sacrifício? Trazendo essa discussão para a contemporaneidade, como caracterizar a nossa sociedade atual, que possui traços óbvios de massacre, mas realiza o sacrifício a cada cerimônia da missa católica (que é a religião predominante no Ocidente), com a morte e comunhão do Cristo, semelhante ao ritual Asteca, que sacrificava a vítima e comungava-a, num rito de antropofagia?

Essa questão nos remete a uma reflexão sobre a dita sociedade contemporânea, onde, longe de ser atávica, a violência se revela em todas as esferas sociais, econômicas e ideológicas. O que foi considerado no século XVI como guerra justa, se assemelha às atuais guerras religiosas no Oriente Médio, que o mundo moderno condena e, com o que, ao mesmo tempo, é conivente.

## *Referências Bibliográficas*

- BRUIT, Héctor Hernan . América Latina: quinhentos anos entre a resistência e a revolução. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.10, n.20, p.145 -171, mar./ago.1990.
- \_\_\_\_\_. Derrota e simulação. Os índios e a conquista da América. **Resgate: Revista de Cultura**. Campinas, n.2, p. 09 -19,1991.
- COUTO, José Geraldo. Livro faz da América o “outro” da Europa. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 24 jun.1996, ilustrada, p.3.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel (org). **A conquista da América Latina vista pelos Índios: relatos Astecas, Maias e Incas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. **A visão dos vencidos**. Porto Alegre: L &PM História, 1985.
- MAINARDI, Diogo. Animais inferiores. **Veja**. São Paulo, ed.1453, n.29, p.114 - 115, 17 jul.1996.
- ROMANO, Ruggiero. **Mecanismos da conquista colonial**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- SCHVARZMAN, Sheila. Um lugar na História. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 02 jun.1996,mais!, p.5.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.



## **BARTOLOMÉ DE LAS CASAS E OS ÍNDIOS: O VISIONÁRIO DAS “AMÉRICAS”**

*Fábio Jesus de Lima*<sup>22</sup>

Com base no livro, **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos**<sup>23</sup>, de Héctor Bruit, entre outros, procurei compreender um pouco mais sobre o dominicano, Frei Bartolomé de Las Casas Homem arraigado na fé cristã viveu no conturbado período de transição do século XVI e levantou sua voz em defesa dos povos indígenas que vinham sendo massacrados com o processo violento da conquista.

Esta tarefa não se torna fácil, à medida que se busca desvendar traços da mentalidade de um homem medieval, que mesmo tendo lutado contra o processo violento da conquista, não abandonou seus objetivos de colonização. Sua imagem de bom religioso ao lado dos indígenas, passada por ilustrações, não corresponde à de homem severo, que não poupou críticas aos seus reis, superiores religiosos, conquistadores ou até mesmo aos índios, ou à toda sua perspicácia e ímpeto frente ao Dr. Juan Ginés de Sepúlveda, no debate ocorrido em Valladolid, onde travaram um duelo de eloquência e erudição sobre as condições dos nativos na América.

Neste livro, Héctor Bruit faz análises sobre os escritos de Las Casas, nos quais vê, um homem visionário, preocupado com o tipo de sociedade que se formava na América.

Meu objetivo não é traçar a vida deste homem, considerado *persona non grata* em seu país, por ir contra os anseios desmedidos dos conquistadores, o que já fizeram outros autores, mas apresentar alguns traços da forma de pensar do Frei Bartolomé de Las Casas, acerca dos índios e da sociedade que surgia no Novo Mundo.

## A IMAGEM LASCACIANA SOBRE OS ÍNDIOS

Las Casas via os hábitos dos indígenas como uma segunda natureza, um conceito de cultura próximo ao moderno, seguindo Aristóteles. Por mais aberrantes e contra a natureza espanhola que pudessem parecer, Las Casas não considerava os hábitos dos índios puníveis pelos homens, nem como justificativa à violência, considerando que estes poderiam ser mudados através da religião cristã, que deveria ser implantada através de métodos pacíficos.

Quanto à preguiça, considerava que devido a terra fértil e abundante, os índios viviam naturalmente e sustentavam-se tendo pouco trabalho. Sendo assim, o tempo livre restante passavam em suas casas, pescarias, festas e danças, e que este vício e incapacidade de trabalho ( à maneira espanhola ), na verdade seria a incapacidade de trabalho em proveito dos espanhóis, sendo uma das justificativas para impor, sem embargo, instituições interessadas nos rendimentos materiais que os índios pudessem ofertar.

Nos seus escritos, aponta os índios também, como que, destituídos de personalidade ou reações positivas frente aos invasores, utilizando a imagem de um povo fraco, pois raramente admitia a guerra contra os espanhóis e quando admitia, era uma *guerrinha*. Isto consagrou na historiografia sobre a conquista, lascaciana ou não, a visão negra dada aos conquistadores e que tem marcado a História latino-americana.

Héctor Bruit analisa assim, um Las Casas que levantou a imagem de um povo sacrificado e humilhado pela conquista; em última análise, um povo com “vocação à escravidão”. O que levou este autor, a questionar “qual é nossa vocação revolucionária ?”<sup>24</sup>, que instiga nossos pensamentos nesses 500 anos. Contudo, discordo desta colocação do autor, pois vejo que a submissão à escravidão, está subordinada a fatores que influenciaram no processo da conquista, como por exemplo, a in-

fluência psicológica exercida pelas armas, cavalos e da violência<sup>25</sup>. Além do mais, o próprio curso da História demonstra nossa vocação revolucionária, como os movimentos guerrilheiros da América Central e no caso do Brasil ha pouco tempo, o movimento dos “cara-pintadas”, no processo de *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor.

Em outra perspectiva, Tzvetan Todorov no livro **A conquista da América: a questão do outro**, apresenta um Las Casas igualitarista, que via a existência de igualdade entre índios e espanhóis, e quando reconhecia alguma diferença entre os mesmos que pudesse ser desfavorável aos primeiros, as reduzia através de um esquema evolucionista único<sup>26</sup>. Desta forma, originou-se com freqüência esses tipos de formulações em seus escritos, e isto, segundo Tzvetan Todorov, em nome de uma religião particular, o cristianismo. Para este autor, Las Casas ao mesmo tempo ignora os índios e desconhece os espanhóis. Todorov vê o dominicano como um amante dos índios, apesar do mesmo não reconhecer as diferenças culturais.

Mesmo assim, Las Casas não defendeu todos os índios, assim como não condenou todos os espanhóis. Ele criticava os índios que traíam suas tribos e aprovava os colonizadores hispânicos pobres e lavradores. Assim a imagem de “bom índio” e “branco mau”, colaborou para realçar a realidade e conseqüentemente melhorar a situação dos indígenas; entretanto, esta posição (consciente ou não), acabou por negar aos índios, a condição de sujeitos plenos, capazes de ver, pensar e agir, o que faziam, dentro de suas concepções.

Na análise de Héctor Bruit, Las Casas passa a visão de não resistência militar por parte destes povos, para não dar razões a seus adversários, os conquistadores espanhóis.

Sem anular a importância de outras conseqüências da conquista, como no tocante a questão do outro, ana-

lisada no livro de Tzvetan Todorov <sup>27</sup>, concordo com Héctor Bruit, quando este coloca que pouco importa que o dominicano não tenha amado os índios, acusação feita freqüentemente pelos estudiosos modernos.

*“Mas porque devia amá-los? Alguém os amou alguma vez? São amados agora?”<sup>28</sup>*

Em suma, Bruit vê um Las Casas que se envolveu com outro problema, que não só o desamor e o desprezo, mas problemas suscitados pela conquista violenta e caótica, um Las Casas preocupado e envolvido com a sociedade que surgia sem justiça, sem direito e sem legítimo poder. A sociedade ao revés.

#### O GRANDE EMBATE: A SITUAÇÃO DOS NATIVOS NA AMÉRICA; A QUESTÃO DA GUERRA JUSTA, INFIDELIDADE , CANIBALISMO E ANTROPOFAGIA

O cerne desta questão, permeia a forma com que se realizava o processo de conquista e catequização, visto que para Las Casas a conquista deveria ser feita como uma ampla empresa religiosa, levada a cabo por religiosos. Uma empresa cristã e profundamente humana, para a difusão da doutrina cristã. O dominicano, como foi dito, não abandonou os seus ideais de colonização sendo apenas contrário a violência desmedida, utilizada no processo de conquista para fazer valer os anseios dos conquistadores espanhóis. Isto bateu de frente com os interesses econômicos dos espanhóis, trazendo à tona, um grande debate sobre a questão das condições dos nativos na América, questionando-se a validade da guerra justa ou não, como forma de se impor a conversão à religião cristã.

O grande opositor de Las Casas, foi o Dr. Juan Ginés de Sepúlveda, que embasado em concepções aristotélicas, justificava a utilização da guerra justa como meio de submeter os povos indígenas aos anseios dos

conquistadores. Assim sendo, nestes princípios, a servidão natural seguiria uma hierarquia racional que exige a sujeição do imperfeito ao mais perfeito, sendo que, para Aristóteles, esta sujeição poderia ser feita através do uso da força. Já o Frei Bartolomé de Las Casas, acreditava que os povos, qualquer que fosse seu estágio de barbárie, teriam a possibilidade, enquanto seres humanos de receber as formas de cultura ocidental, particularmente a religião cristã, e superar sua atual condição.

Por este prisma, possuidor de uma concepção tomista, segundo a qual há uma natureza comum à todos os homens que lhes confere unidade, o dominicano interpretou os mesmos princípios aristotélicos em oposição a Sepúlveda. Em sua **Apologética Histórica**, afirma que os fundamentos aristotélicos ( características aristotélicas para definir os servos naturais e os senhores naturais ) não correspondiam com as características físicas dos povos americanos. Um outro fator que descaracterizava o uso da guerra justa contra os indígenas, para Las Casas, era a questão da infidelidade<sup>29</sup>, vinculada à concepção dos índios com os bárbaros. Nesta questão havia três tipos de infiéis: 1) os que injustamente usurpavam as terras dos cristãos; 2) os que atacavam os cristãos, procurando desfazer o estado temporal e espiritual da república, e 3) os que não sabem de nada, não conhecem a Deus, por isso não usurpam das terras cristãs. Segundo Las Casas, a esses infiéis, dentre os quais estavam os indígenas americanos, não caberia a guerra justa. No que se refere ao canibalismo e à antropofagia praticados pelos indígenas e criticados severamente pelos espanhóis, o que reforçaria a imagem de bárbaros, Las Casas as justifica dentro de um processo evolutivo, pelo qual os espanhóis já teriam passado, e que estes não teriam razão alguma para se espantarem com os defeitos e costumes não civilizados dentre as nações indígenas, não as desprezando por isto, pois a maior parte das nações do mundo já haviam também

demonstrado provas de menor prudência, de irracionalidade, de confusão de modos e de costumes animalescos.

Assim, com este trabalho, procuro não fazer um julgamento moral, quanto ao caráter de Las Casas, quanto menos defendê-lo piamente, mas procuro entender um pouco mais sobre a conquista na visão deste dominicano, através do estudo de sua obra repleta de exageros numéricos e narrativos. Além disto, se remontarmos à época de Las Casas, encontraremos uma sociedade em mutação. Uma sociedade medieval que estava passando por um período de rompimentos de dogmas, reestruturações de ordem sócio-econômicas e o florescimento de métodos mais racionais para se compreender o mundo. Neste quadro conflituoso, onde também se processa a conquista, com objetivos expansionistas e econômicos, surge um homem que ousa ir contra a violência empregada na conquista, meio amplamente utilizado para se alcançar este objetivo.

### LAS CASAS: O VISIONÁRIO DAS AMÉRICAS A CONCEPÇÃO POLÍTICA

A imagem passada por Las Casas sobre a destruição das Índias, permeada de todo seu clamor impetuoso, é a de uma História construída no sangue derramado dos povos americanos, como é o caso da obra **Brevíssima relação da destruição das Índias**<sup>30</sup>. Las Casas deixa transparecer nos seus escritos, a sua preocupação com a sociedade que se organizava no caos da conquista.

O Frei dominicano dava muita importância às leis, que formavam todos os fundamentos de sua concepção política de sociedade, tendo por fim próprio, o bem comum. Sua forma de pensar é aparentemente ortodoxa, como aponta o escritor Héctor Bruit, tinha inspiração nas concepções tomista e aristotélica, que em certos casos era rompida pela busca de certas teorias dos

escolásticos italianos do século XIII e XIV <sup>31</sup>.

Las Casas transmite sua preocupação com a liberdade pública e individual, com os fundamentos jurídicos da sociedade que se organizava. Ele tinha o desejo de ver na América, uma sociedade de direito e justiça social, de respeito aos direitos humanos, o que na percepção de Héctor Bruit configura sua visão do destino do continente. Las Casas conta a História da conquista violenta: guerras, mortes, violências, explorações, doenças, vendo surgir a “sociedade ao revés” <sup>32</sup>. Constituiu-se assim, o visionário dos destinos da América. Na perspectiva de Héctor Bruit, Las Casas viu o surgimento da sociedade “melada”<sup>33</sup>. Concordando com Bruit, considero que esta questão é ponto de partida para muitos autores, que, através de análises sobre a conquista da América, procuram compreender sua sociedade, como o lingüista búlgaro Tzvetan Todorov, com sua crítica ao totalitarismo, ou Eduardo Bueno, que na apresentação do livro **Brevíssima relação**<sup>34</sup>, faz uma analogia entre a América ontem e hoje, a espada e a metralhadora.

Considero a América Latina, filha da conquista, que ainda hoje deixa transparecer uma História de marcas profundas, resultante do descobrimento e encontro com o outro. Nos vejo como descendentes de duas sociedades: européia e índia, uma cultura híbrida, criadora de uma cultura popular, latino-americana.

*Referências Bibliográficas*

- BRUIT, Héctor Hernan. **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos.**\_\_\_\_Campinas: Iluminuras; 1985.
- LAS CASAS, Bartolomé de. **O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias.** 5. ed. Porto Alegre: LP&M, 1991.
- SALAS, Alberto M. **Três cronistas de Índias: Pedro Majetir de Anglería, Gonzalo Fernandes de Oviedo, Fray Bartolomé de Las Casas.** México: Fondo de Cultura Económica, 1975.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.



## ANÁLISE DA QUESTÃO DO OUTRO NA CONQUISTA DA AMÉRICA POR TZVETAN TODOROV

*Cristiano da Veiga Sambatti*  
*Edmar Everson Alves*<sup>35</sup>

O processo de conquista da América serviu de base para a exposição de Tzvetan Todorov, que toma como exemplo este período para analisar a questão do outro. Todorov trabalha esta questão mostrando como ocorre o contato entre duas culturas. Alerta para as conseqüências do não-reconhecimento do outro como pessoas de direitos iguais mas de culturas diferentes. Ressalta o papel da comunicação, pois é através dela que pode ocorrer um reconhecimento enganoso do outro enquanto ser pleno a partir do momento em que há manipulação desta comunicação visando a dominação (a exemplo de Cortez). Tzvetan Todorov nasceu na Bulgária no dia 1º de março de 1939, é investigador agregado no *Centre National de Recherches Scientifique*; publicou diversas obras: **Theorie de la Littérature, Textes des formalistes Russes** (Seuil, 1965), **Recherches Sémantiques** (Larousse), **Litterature et Signification** (Larousse, 1967), **Grammaire du Décamerom** (Mouton).

A questão principal que Todorov cerca com sua obra **A conquista da América - a questão do outro**, diz respeito ao reconhecimento do outro, mais precisamente, mostra as conseqüências sociais quando se desconsidera a diversidade cultural. Todorov mostra que há um choque entre duas culturas distintas (europeus e americanos), aprofunda em sua obra uma análise do resultado deste tipo de procedimento, por meio do qual o outro é desprovido, descaracterizado e transformado em sua originalidade cultural. Aborda a comunicação que pode servir como instrumento de reconhecimento do outro, mas também como um meio de assimilação e de dominação, apresenta a percepção de vários personagens

da época acerca do outro. Sua obra divide-se nos seguintes aspectos: a não percepção do outro enquanto humano, a comunicação como um instrumento de dominação e variações da percepção do outro.

Na primeira parte da obra evidencia-se o contato entre Europa e América decorrente da busca das Índias por Colombo e que resultou na descoberta do Novo Mundo . A relação com o outro neste mundo é difícil. O autor observa: *...Colombo descobre a América, mas não os americanos...*”, esta frase expressa a representação de inferioridade do outro para o europeu. A indiferença do outro torna-se evidente neste momento, visto que só é possível visualizar a presença do outro em meio as descrições que Colombo faz da natureza. Colombo tinha uma maior percepção da natureza, em contrapartida ignorava a comunicação humana. Por isso quando chega a América ele não a descobre, mas a encontra. Sua crença religiosa, enfim, sua mentalidade servirá de base para a interpretação da realidade, ou seja, ele não descobriu algo novo, mas encontrou algo que estava previamente formado em seu imaginário.

Na segunda parte da obra Todorov expõe o modo pelo qual se consolidou a conquista da América apresentando a comunicação como um fator decisivo para a dominação do outro. A comunicação é diferente entre Cortez, que a concebe de modo inter-humano, e Montezuma, que a concebe com o mundo ( assim como Colombo ). Cortez é um estrategista que conhece o valor da informação, utiliza a linguagem como um instrumento eficiente na conquista, a comunicação inter-humana melhor lhe serviu para o domínio do outro, tentou compreender a mentalidade do outro de maneira a sobrepujar esta outra cultura.

A terceira parte da obra apresenta uma variação de intensidade na recusa que se faz do outro. Por um lado, têm-se uma parcela que vê o outro como um obje-

to “...estão a meio caminho entre os homens e os animais...”, e por outro os menos radicais atribuem ao outro uma certa “humanidade”, porém inferior a eles. Não há um respeito em relação à identidade do outro, uma vez que a defesa, a exemplo de Las Casas, é feita sob sua ótica particular, ocorrendo portanto só a medida que se exerce a conversão do outro. A humanidade do outro só é concebida se integrada na cultura do “eu”, ocorrendo então uma assimilação, uma integração da cultura do outro à européia.

Ao abordar a relação entre dois mundos totalmente diferentes, a obra **A conquista da América - a questão do outro** remete-nos a nossa sociedade, leva-nos a fazer um auto-exame de nossas próprias atitudes com relação ao tratamento ou julgamento que fazemos de outras sociedades ( ou de outros grupos menores, ou até de outras pessoas ). Todorov mostra desta forma que esta questão de projeção de “meus” valores sobre o “outro” é uma questão atual. Assim, a mensagem que transmite em sua obra leva-nos a indagar, por exemplo, se nossas atitudes de certa maneira não são o reflexo do modo de agir dos espanhóis na época da conquista, que tomaram a sua sociedade, os seus valores como o perfeito e como o correto a ser seguido pelos outros? Será que não projetamos nossos valores e princípios como base de julgamento de outras sociedades no sentido de admitir a igualdade do outro? Sob esta perspectiva, a obra de Todorov não só apresentou um valor significativo para a própria História da América ao analisar o processo de conquista, como contribuiu de maneira importante para a Antropologia ao abordar a questão do outro, mais precisamente ao relacionar-se com o etnocentrismo estudado nesta ciência como um meio incorreto de se analisar as sociedades.

## Referência Bibliográfica

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes , 1993.

## **LABÉUS DA CONQUISTA ESPANHOLA**

***Wander de Lara Proença***<sup>36</sup>

O processo de colonização da América Espanhola está integrado ao novo momento econômico que forja o período moderno. Impulsionados pela avidez do acúmulo primitivo de capital - segundo a linguagem marxista - e beneficiados pelo avanço de determinadas técnicas de navegação, os europeus singram os mares em busca de produtos comerciais e da expansão de seus mercados, dando origem, já naquele período, ao fenômeno da globalização sobretudo econômica.

A América pré-colombiana será, portanto, palco deste afã capitalista, cujo enredo foi protagonizado por abusos, violência e destruição étnico-cultural. A chegada de Colombo em 12 de outubro de 1492 em terras americanas propiciava não só o contato entre dois mundos culturalmente muito distintos e separados historicamente por milhares de anos, mas também o confronto entre sociedades de valores e perspectivas econômicas antagônicas. Por exemplo, o ouro que tanto fascina os espanhóis devido ao seu valor monetário, aqui, numa economia basicamente de subsistência e voltada para o auto-abastecimento, é utilizado como enfeite estético ou adorno.

Na busca de um sentido para a colonização, pode-se dizer que as colônias existem em função da metrópole. Inicialmente, a conquista caracterizou-se pelo saque, passando-se posteriormente à organização de um sistema produtivo, sendo que as descobertas das minas em meados do século XVI vão determinar as áreas a serem inicialmente ocupadas.

Se, inicialmente, os nativos prestavam serviços temporários nas *mitas*, com a chegada dos espanhóis, são forçados ao trabalho pesado, mediante a exploração. São obrigados a “conviver” com a fome, com a

desestruturação familiar, com epidemias, etc.

Ao lado das *mitas*, foram organizados os *pueblos* ou reduções, com a função de produzir mantimentos e animais para às minas e cidades, além de fornecer mão-de-obra às mesmas. Com a queda populacional indígena, as aldeias foram progressivamente declinando, dando origem à produção nas *haciendas* - produção agrícola em grandes latifúndios. A colonização espanhola compreendia um complexo empreendimento. A grande maioria dos empreendedores que para cá vieram, provinham das classes pobres da Espanha, em busca de prestígio e riquezas. A montagem de uma máquina administrativa pela coroa, logo demonstrou deficiências e não foi capaz de propiciar plena segurança à exploração. Deve-se dizer ainda que as *encomiendas* foram abolidas em 1540 pelas Leis novas, por representarem a fragmentação do poder real. Também o declínio da população indígena viria a resultar, em algumas áreas, na busca da escravidão negra, como forma alternativa de produção.

Em sua obra **Economia e sociedade na América Espanhola**, Ronaldo Vainfas afirma que a produção e exploração comercial de metais teve seu pico no século XVI, vindo a sofrer uma intensa crise no início do XVII. São apontadas algumas razões para isto: primeiro, os metais são intermediados pela Espanha mas o seu fim último é Inglaterra e França, para o pagamento de dívidas; segundo, as guerras religiosas contra os protestantes (o metal da América vai patrocinar tais guerras); terceiro, o conseqüente endividamento da Espanha junto aos credores internacionais; quarto, o sustento de grandes exércitos em diferentes lugares; soma-se a tudo isto, a crise demográfica da América, dentre outros.

Vale lembrar que neste processo de conquista esteve presente a igreja, conjugando interesses comuns aos da coroa. E, a pluralidade de relações de trabalho e de produção na América espanhola, não nos permite caracterizar tal período nos moldes conceituais do marxis-

mo clássico. Tentar fazê-lo, seria incorrer no reducionismo, como bem determina a análise feita por Vainfas. Segundo este mesmo autor, o processo de colonização legou-nos como herança não somente uma dependência econômica, mas também a deformação das culturas indígenas e a inserção pejorativa das palavras “índio” e “negro”, não somente no vocabulário comum, mas também no emprego feito por historiadores e sociólogos.

Também merece destaque a análise feita por Tzvetan Todorov, em sua obra **A conquista da América: a questão do outro**. Tendo como pressupostos questões relacionadas à democracia do tempo presente, este autor propõe-se a buscar as origens do totalitarismo, da desigualdade e da intolerância que hoje nos cercam. Daí o seu objetivo maior em prescrever um caráter exemplar de conduta moral, mediante a análise das atitudes e conceitos empreendidos no processo de conquista da América, pelos espanhóis em relação ao “outro”. Todorov denuncia a responsabilidade coletiva dos espanhóis e de toda a Europa Ocidental em tais empreendimentos, de forma direta ou indireta. Conclui que o totalitarismo que hoje impregna a Europa Oriental já se manifestava no afã espanhol de banir a alteridade exterior naquele período, fundando nos territórios americanos a estrutura de intolerância e desigualdade sócio-econômica que perdura até os nossos dias.

Chama-nos a atenção a citação feita por este autor de um texto denominado “A profecia de Las Casas”, retirada do Testamento do dominicano, na qual este prescreve o derramamento da ira divina sobre a Espanha num tempo futuro:

*“Creio que por causa dessas obras ímpias, criminosas e ignominiosas, perpetradas de modo tão injusto, tirânico e bárbaro, Deus derramará sobre a*

*Espanha sua fúria e sua ira, porque toda Espanha, bem ou mal, teve o seu quinhão das sangrentas riquezas, usurpadas à custa de tanta ruína e extermínio*<sup>37</sup>

Tal profecia representa importante objeto de análise, não só pela riqueza de elementos de âmbito sócio-econômico e religioso, mas também por apontar para o futuro, futuro este que constitui o nosso presente. Evidentemente, para não incorreremos no erro do anacronismo, o pensamento de Las Casas precisa ser situado no seu contexto temporal, marcado sobretudo pelo imaginário religioso cristão, que se caracteriza pela mentalidade de que os acontecimentos históricos estão aprioristicamente abarcados pela vontade divina.

A profecia de derramamento da ira divina sobre os representantes futuros da civilização européia se cumpriu? Todorov afirma que alguns acontecimentos históricos recentes parecem dar razão a Las Casas. Entretanto, afirma que mesmo sofrendo crises econômico-sociais, ou ainda guerras e calamidades, ou seja, por pior que venha a ser o presente/futuro dos Estados europeus, tais conseqüências jamais poderão equilibrar a balança de crimes perpetrados pelos mesmos nos territórios americanos.

Desta afirmação de Todorov, podemos concluir que, mesmo apresentando algum caráter cíclico em determinadas situações, os fatos históricos são ímpares e de impossível repetição idêntica; daí, a História ser dinâmica, imprevisível e impossível de ser abarcada em sua totalidade. Por isso, é louvável a afirmação do referido autor, quando diz:

*“Somos parecidos com os conquistadores e diferentes deles; seu exemplo é instrutivo, mas jamais teremos a certeza de que não nos comportando como eles, não estamos justamente a imitá-los.”*<sup>38</sup>



A meu ver, a Espanha hoje vive muito bem, se comparada à própria realidade econômico-social da América Latina. Por isso mesmo somos levados a concluir que a profecia de Las Casas ainda não se cumpriu. Afinal, ainda que mesmo não acreditando tão ingenuamente em sua superioridade, a civilização européia continua desejosa de assimilar “o outro” e fazer desaparecer a alteridade exterior, espalhando para o mundo inteiro seus valores. E é também inegável o sentimento de subserviência por parte de alguns segmentos ou setores chamados “Terceiro Mundo” em relação ao “Primeiro”. Percebe-se isto no inconsciente coletivo de que “tudo o que é de lá, é melhor”: produtos, arte, música, cinema...etc. Ainda permanece arraigado no imaginário latino-americano, mesmo que de forma velada, o estigma de superioridade implantado pela colonização espanhola e portuguesa a partir do século XVI.

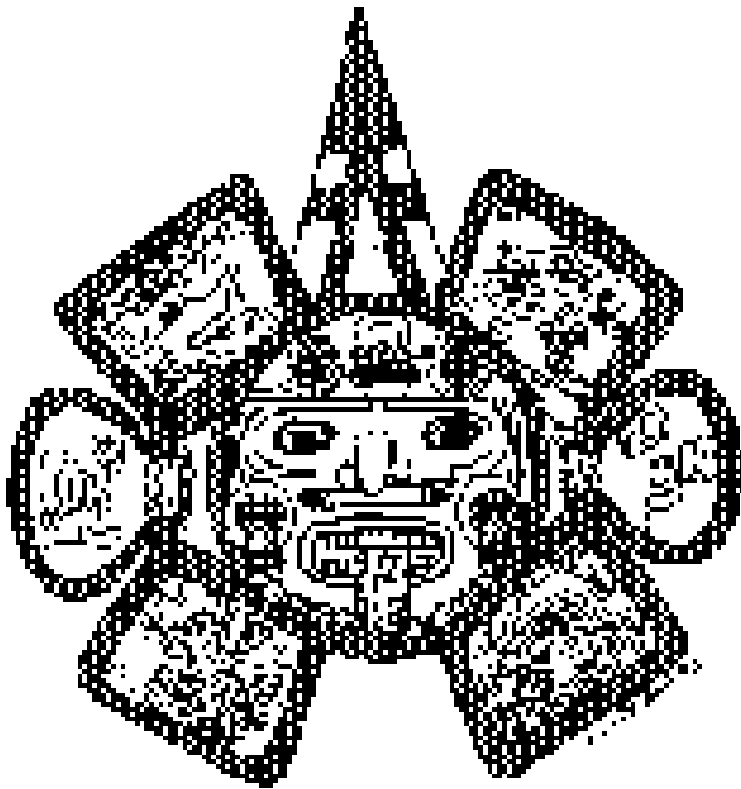
Finalizamos, ressaltando a importância das considerações feitas por Ronaldo Vainfas e Tzvetan Todorov para o momento atual. Primeiro, pela evidência de que a conquista da América iniciada nos séculos XV e XVI - além de propiciar um dos maiores genocídios da História - legou-nos uma estrutura que permanece em nossa contemporaneidade, ceifando as condições elementares da vida. Em segundo lugar, pelo fato do nosso tempo presente poder representar o futuro predito por Bartolomé de Las Casas em seu Testamento e, desta forma, podermos verificar, infelizmente, que o enredo de intolerância e agressão ao “outro” continua sendo exibido no cenário da História contemporânea, quase sempre mascarado pela concepção de uma pseudodemocracia, quando grupos ou segmentos rejeitam a diferença do seu “semelhante”, desejando condicioná-lo a valores e normas que julgam ser melhores ou mais corretos.

Sabemos que o passado - ainda que não possa ser ressarcido em seus estigmas - ensina o presente, ou

ao menos o adverte. É nesse sentido que a memória da conquista da América convoca a nós, historiadores, a atentarmos-nos para as discontinuidades e lacunas historiográficas que ainda restam vazias, e a nos dispormos a fazer do nosso labor, não um árido discurso narrativo, e sim, uma reflexão crítica que promova a vida, e que ao invés de arvorar os lábaros da conquista, denuncie a herança de seus labéus.

## Referências Bibliográficas

- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- VAINFAS, Ronaldo. **Economia e sociedade na América espanhola**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.



## Pedra do Sol

## NOTAS

<sup>1</sup> Professor de História da América. Universidade Estadual de Londrina. Organizador da coletânea.

<sup>2</sup> O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

<sup>3</sup> TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. DUSSEL, Enrique. **1492 - O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

<sup>4</sup> TODOROV, Tzvetan. **Em face do extremo**. Campinas: Papyrus, 1995. LEFORT, Claude. **A invenção democrática**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>5</sup> BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 2 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>7</sup> ANDREWS, George Reid. Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. **Estudos Avançados**. São Paulo, n 30, v 11, maio/agosto, 1997, p. 95.

<sup>8</sup> TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América... *Op.cit.*

<sup>9</sup> SCHWARCZ, Lilia M. O espetáculo da miscigenação. **Estudos Avançados**. São Paulo, n 20, v 8, janeiro/abril, 1994, p.140.

<sup>10</sup> COMISSÃO SOBRE GOVERNANÇA GLOBAL. **Nossa comunidade global**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 12-3.

<sup>11</sup> Aluno do 1º ano do curso de História. Trabalho apresentado à disciplina: História da América I.

<sup>12</sup> VEGA, Inca Garcilaso de la. **Comentários reais de los Incas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

<sup>13</sup> FERREIRA, Jorge Luiz. **Incas e Astecas - Culturas pré-colombianas**. São Paulo: Ática, 1995, p. 40.

<sup>14</sup> *“Em condições naturais causadas pela aridez e por terras potencialmente férteis, e sendo as forças produtivas disponíveis relativamente limitadas, se e somente se se desenvolver um controle institucionalmente centralizado do abastecimento de água, tornar-se-á possível o surgimento da civilização (organização, Estado, grandes construções, sociedades estratificada,*

etc.). CARDOSO, Ciro Flamarion. **Modo de produção asiático: nova visita a um velho conceito**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

<sup>15</sup> FERREIRA, Jorge Luiz. *Op. cit.*

<sup>16</sup> Alunas do 2º ano do curso de História. Trabalho apresentado à disciplina: História da América II.

<sup>17</sup> TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 128.

<sup>18</sup> Por guerra se entende o assassinato direto, mesmo fora de situação de batalha; por maus-tratos, a escravidão, a subnutrição, a mudança de ritmo e estilo de vida, etc.; em relação ao choque microbiano, além da falta de imunidade dos índios, havia uma suscetibilidade extra, causada pela fragilidade física e espiritual em que se encontravam. A isso acrescenta-se o tráfico de escravos e a diminuição da taxa de natalidade.

<sup>19</sup> BRUIT, Héctor. América Latina: quinhentos anos entre a resistência e a revolução. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.10, n. 20, mar/ago., 1990, p. 156.

<sup>20</sup> *Apud*. TODOROV, Tzvetan. *Op. cit.*, p. 136.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 136-7.

<sup>22</sup> Aluno do 2º ano do curso de História. Trabalho apresentado à disciplina: História da América II.

<sup>23</sup> BRUIT, Héctor Hernan. **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos**. Campinas: Iluminuras, 1995.

<sup>24</sup> Bartolomé de Las Casas... *Op. cit.* p. 110.

<sup>25</sup> TODOROV, Tzvetan. *Op. cit.*

<sup>26</sup> *Idem.*, p. 195.

<sup>27</sup> *Idem. Op. cit.*

<sup>28</sup> LAS CASAS, Bartolomé. *Op. cit.*, p. 109.

<sup>29</sup> SALAS, Alberto M. **Três cronistas de Índias: Pedro Majetir de Anglería, Gonzalo Fernandes de Oviedo, Fray Bartolomé de Las Casas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

<sup>30</sup> LAS CASAS, Bartolomé de. **O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias**. 5. ed. Porto Alegre: LP&M, 1991.

<sup>31</sup> SALAS, Alberto. *Op. cit.*

<sup>32</sup> LAS CASAS, Bartolomé. *Op. cit.*, p. 110.

<sup>33</sup> *Idem.*, p. 200.

<sup>34</sup> *Idem*

<sup>35</sup> Alunos do 2º ano do curso de História. Trabalho apresentado à disciplina: História da América II.

<sup>36</sup> Aluno do 2º ano do Curso de História . Trabalho apresentado à disciplina: História da América II.

<sup>37</sup> *Apud.* TODOROV, Tzvetan. *Op. cit.*, p. 250.

<sup>38</sup> *Idem.*